

ADAPTAÇÕES DA FAUNA E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA NA ZONA DE EXCLUSÃO DE CHERNOBYL

Kauane Maria Bittencourt¹, Alana Hanauer Pereira², Pâmela Fagundes Serena³, Alan Savariz⁴

1. Discente do curso de graduação em Ciências biológicas, Unoesc, Joaçaba, SC
2. Discente do curso de graduação em Ciências biológicas, Unoesc, Joaçaba, SC
3. Discente do curso de graduação em Ciências biológicas, Unoesc, Joaçaba, SC
4. Docente do curso de graduação em Ciências biológicas, Unoesc, Joaçaba, SC

Autor correspondente: Kauane Maria Bittencourt, bittencourtkauane5@gmail.com

Área: Ciências da Vida e Saúde

Introdução: O acidente nuclear de Chernobyl, ocorrido em 26 de abril de 1986 na Ucrânia, é considerado o maior desastre tecnológico e ambiental do século XX. A explosão do reator liberou material radioativo que contaminou extensas áreas do Leste Europeu, criando uma zona de exclusão permanente. Embora os impactos imediatos tenham sido devastadores para a saúde humana, as consequências ecológicas de longo prazo transformaram esta região em um laboratório único para o estudo da resiliência ambiental e das adaptações da fauna em condições extremas. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo analisar as transformações ecológicas e as adaptações da fauna na região de Chernobyl após o acidente nuclear. **Método:** A metodologia consiste em uma revisão narrativa da literatura, utilizando artigos científicos, relatórios técnicos e fontes jornalísticas especializadas publicadas entre 1986 e 2024, selecionadas por sua relevância temática. **Resultados:** Os resultados revelam uma trajetória temporal paradoxal. Imediatamente após o desastre, observou-se um drástico declínio na biodiversidade, caracterizado por elevadas taxas de mortalidade, mutações genéticas e redução da fertilidade em diversas espécies. Árvores, aves e pequenos mamíferos exibiram deformações morfológicas, enquanto a radiação comprometia a estabilidade do ecossistema. Contudo, num segundo momento, verificou-se um fenômeno paradoxal: a retirada da população humana desencadeou um processo de regeneração ecológica que permitiu a recolonização e expansão de diversas espécies. Um caso emblemático é o dos cães descendentes de animais abandonados durante a evacuação. Relatos históricos documentam cães perseguindo os ônibus de evacuação, impedidos por soldados soviéticos. Muitos foram eliminados para conter contaminação, mas alguns sobreviveram, adaptando-se às florestas da região. Atualmente, formam populações semisselvagens que, apesar de demonstrarem notável resiliência, apresentam vida média de apenas três anos devido a mutações genéticas, doenças e condições ambientais adversas. Surpreendentemente, múltiplas espécies reapareceram na região. Ursos-pardos, considerados extintos localmente há um século, retornaram à zona de exclusão. Populações de lobos, javalis, bisões-europeus, cavalos-de-Przewalski e aves de rapina não apenas persistiram como expandiram suas populações, ocupando nichos ecológicos deixados vagos pela ausência humana. **Conclusão:** Conclui-se que Chernobyl, apesar de seu legado trágico, oferece lições profundas para a ecologia e conservação. O contraste entre a contaminação radioativa persistente e o florescimento da biodiversidade evidencia um paradoxo crucial: a natureza demonstra extraordinária capacidade de recuperação mesmo em condições extremas, quando a pressão antrópica é removida. Esta zona de exclusão transformou-se num experimento natural único, ilustrando a complexa interação entre perturbações radiológicas e recuperação ecológica, oferecendo subsídios valiosos para políticas de preservação ambiental em cenários de degradação extrema.

Palavras-chave: Chernobyl; Fauna; Radiação; Resiliência Ecológica; Adaptação Animal.